

Energias Renováveis: o novo passo de alavancagem no Brasil ⁽¹⁾

Rodrigo Ugarte Ferreira ⁽²⁾

Há pouco mais de 10 anos, a descarbonização da economia global parecia uma ambição distante e complexa. O custo de energias renováveis ainda era elevado, e havia grande dependência de Leilões de Energia e de subsídios diversos a nível mundial – e necessários naquele momento, diga-se de passagem – para que investidores se aventurassem a implantar projetos de geração de energia renovável. Assim como toda incipiente tecnologia, os riscos de implantação e de retorno eram mais elevados que os comparados às fontes de energias fósseis. Naquele período embrionário das energias renováveis, a cadeia de valor eólica desempenhava um papel reativo, em que os fabricantes de aerogeradores (OEMs) necessariamente precisavam se comprometer junto aos seus fornecedores com volumes mínimos pré-fixados, altos montantes de adiantamento de capital, longos períodos de suporte para transferência tecnológica, implantação de CAPEX em instalações fabris de terceiros, entre outros instrumentos comerciais, financeiros e operacionais, para que com isso a cadeia de valor pudesse performar os bens e serviços demandados, e então os OEMs conseguissem integrar tudo e conseqüentemente entregar sua solução aos Geradores de Energia.

Hoje, a indústria de energia eólica no Brasil está em outro patamar. As fontes de energia renováveis são muito mais competitivas e confiáveis que as fósseis, os aerogeradores evoluíram tecnologicamente de forma drástica e num lapso tão curto de tempo produzem 400% a mais energia que há 10 anos atrás. A indústria local, naquele momento em desenvolvimento e com capacidade máxima de 1 GW/ano, hoje se encontra estabelecida e capaz de 5 GW/ano, resultado do vasto conhecimento adquirido na produção local em escala de equipamentos e componentes de energia. Nenhuma outra cadeia de valor na América Latina apresentou um crescimento de atividade industrial tão acentuado neste período. Para prosseguirmos nessa crescente fundamental, e continuar suportando a transição energética com uma fonte de geração competitiva e sustentável, a missão agora é maturar e escalar a cadeia de valor, para subirmos novamente de patamar.

Dispor de conteúdo e produção local e replicar as especificações dos projetos são atributos importantes, porém incapazes de gerar uma vantagem competitiva e agregar valor para a nova fase de crescimento acelerado que esta indústria tem pela frente.

A descarbonização do planeta é o maior desafio tecnológico e social de nossa geração. No contexto macroeconômico atual, energia renovável é sinônimo de segurança energética e de futuro viável às próximas gerações, de modo que o crescimento exponencial das fontes renováveis é um destino inexorável. As projeções de crescimento apontam para algo entre duplicar ou até mesmo quadruplicar a capacidade atual de geração eólica até 2030, e esta ambição significa enormes oportunidades, mas também desafios. Nesta nova fase de crescimento das energias renováveis, a cadeia de valor será mais ativa em investimentos, tecnologia e modularização de soluções. Tal movimento se assemelha ao setor automobilístico nas décadas recentes, com maior integração entre fabricantes e fornecedores para o desenvolvimento de projetos cada vez mais robustos, competitivos e escaláveis.

O novo perfil da cadeia de valor - Parcerias Estratégicas

Claramente vemos o surgimento de parcerias estratégicas ante a relações até então transacionais, e empresas posicionadas em vários elos no setor começam a atuar como parte fundamental de um ecossistema que visa assegurar geração de valor e segurança energética. Neste contexto, a indústria global urge por um novo perfil de fornecedores que atuem de forma integrada e formem uma cadeia de valor pautada em quatro pilares descritos a seguir:

O Low Carbon deve ser uma ambição para todos os fornecedores, e deve se tornar uma premissa até 2030, quando o mercado incorporará toda a cadeia produtiva em uma redoma de zero emissão de gases de efeito estufa. Demandas como Aço Verde, Reciclabilidade e eletrificação da cadeia de valor serão cada vez mais presentes na indústria.

Já o Low Cost deve impulsionar a agenda renovável, uma vez que o custo de energia deve se manter competitivo, principalmente nesse momento inflacionário, para viabilizar a propulsão de outras tecnologias. Além disso, o hidrogênio verde (H2V) e armazenamento de energia produzidos de forma sustentável e competitiva devem ganhar escala e substituir o uso de petróleo e gás como fontes de energia com sucesso.

Ao passo que a indústria começa a investir em equipamentos maiores e mais robustos, com tecnologia de alto custo, é preciso contar com parceiros Low Risk, com conhecimento em tecnologia, balanço financeiro vigoroso e dispostos a continuar investindo e expandindo junto à indústria. A expectativa é de que os fornecedores realizem aportes em moeda e tecnologia, feito no passado exclusivamente pelos fabricantes. A geração eólica em alto mar - Offshore - inclusive já nasce com este DNA.

Por fim, mas não menos importante, o perfil Low Waste que não tolera perdas. Sejam perdas em Saúde & Segurança, em Qualidade, ou em insumos. A execução com menos processos ineficientes é fundamental não só para o caixa da empresa, mas também para o contexto socioambiental no qual ela está inserida. As companhias de energia renovável e todos os seus fornecedores devem ser os melhores sobre a ótica de ESG, com gestão social, de qualidade e respeito para com a sociedade.

Por que investir no Brasil?

O Brasil será o primeiro país latino-americano a atingir a maturidade da cadeia eólica. Aqui é a casa dos maiores e mais diversos empreendimentos eólicos da região, seja onshore ou em todo o potencial mapeado em offshore. Também temos a maior base de fornecedores desenvolvidos, bem como um grande volume de interlocutores da indústria e massa crítica: tudo isso viabilizará o caminho para o Brasil atingir a escala e maturidade desejável frente aos demais países.

O México está logo atrás, com condições favoráveis dos pontos de vista técnico, operacional e geográfico, junto a Argentina, Chile, Colômbia e Peru, com cenários muito propícios para atingirem esse nível em um futuro não muito distante.

O que falta para o Brasil é o próximo passo – uma tendência que começou em outros países e setores, sobretudo na Europa –, em que aqueles que atuam no fornecimento participam ativamente no desenvolvimento de aerogeradores e dividem o protagonismo com os fabricantes na produção de energia eólica. Esse próximo passo, se realizado com sucesso, pode ser capaz de inserir a cadeia de valor local à cadeia global, e transformar o Brasil em exportador de bens e serviços neste setor.

Mais do que isso, a evolução da cadeia de valor faz prosperar todo o ciclo de vida eólico. Um exemplo é o desenvolvimento de fornecedores especializados em tecnologia de ponta, uma oportunidade rentável e que gera milhares de empregos regionais. Associando a tecnologia com a manutenção de aerogeradores, é possível monitorar e antecipar possíveis problemas, uma inovação em toda a cadeia que reforça o valor desses investimentos para o investidor e cliente.

(1) Artigo publicado na Agência CanalEnergia. Disponível em: <https://www.canalenergia.com.br/artigos/53225293/energias-renovaveis-o-novo-passo-de-alavancagem-no-brasil>. Acesso em 27 de setembro de 2022.

(2) Rodrigo Ugarte Ferreira é VP de Procurement na Vestas Latin America.